

## Jornal da Tarde

18/5/1984

### Guariba, a imprensa, as "bobagens" e a "sujeira".

Nesta terça-feira que passou, o deputado Nélson Marchezan, líder do governo na Câmara, informou à Nação que, rompendo a tradição que implantou em seu governo de só se referir à imprensa com expressões chulas ou de baixo calão, o presidente Figueiredo tem, ultimamente, se divertido muito com "as bobagens" que os jornais têm divulgado a respeito do problema sucessório.

Somos obrigados a vestir a carapuça...

O ministro Delfim Neto gosta de repetir uma frase que expressa uma verdade cristalina (apenas mais uma das muitas que o governo prefere ignorar): "O Estado não gera riquezas; o Estado apenas as distribui". Sobre a função da imprensa, poderíamos formular um conceito semelhante: "A imprensa não gera informações; a imprensa apenas as veicula e transmite".

Em seu livro clássico sobre a Imprensa e seu papel nas democracias, A artilharia da imprensa, o conhecido jornalista norte-americano James Reston chamava a atenção para o fato de que, mesmo nas democracias mais avançadas e onde o poder está mais diluído, o governo é sempre a maior fonte de notícias. Como nos Estados Unidos os governantes dependem do voto dos eleitores para governar, e como a imprensa é seu canal de comunicação com eles, ela merece, de sua parte, um especial respeito. Conseqüentemente — ainda que, lá, todos os presidentes falem pelo menos uma vez por semana diretamente aos jornalistas de todo o país, nos tradicionais briefings, durante os quais prestam conta de seus atos à nação — o cargo de porta-voz da Presidência da República, lá chamado de "secretário de Imprensa", é considerado um dos mais importantes da Casa Branca.

Aqui, sabemos que as coisas funcionam de modo diferente para os governantes, que, por isso, podem dar-se ao luxo de ter os porta-vozes que têm, que, afinal de contas, não fazem mais que representar fielmente a qualidade daqueles por quem falam. Mas, apesar dessa diferença inegável, pelo menos duas das premissas que apresentamos acima são válidas também para nós: a de que a imprensa tem de se limitar a transmitir e não a criar informações, e a de que o governo e os políticos — estejam eles ou não preocupados com a repercussão de seus atos — são a principal fonte de criação de notícias. Ora, se temos um governo de "bobos" (para empregarmos uma expressão amena ao gosto do presidente), decorre necessariamente daí, como manda a lógica, que a imprensa se veja obrigada — ainda que muitas vezes constrangida — a publicar as "bobagens" que dizem estes senhores, já que, de qualquer modo, elas vão produzir eleitos reais sobre a vida dos cidadãos junto aos quais a imprensa tem uma função a cumprir.

Temos afirmado repetidas vezes, nesta coluna, que o grande problema deste país é a diferença de qualidade que numerosas provas mostram que existe entre o povo brasileiro e suas elites, em todos os ramos de atividade, e os políticos e governantes que, supostamente, deveriam representá-los. Se essa constatação já era uma unanimidade no que se refere ao governo federal, as recentes manifestações pelas eleições diretas mostraram que ela existe também quanto à grande maioria dos políticos da oposição. Em outras palavras: por baixo de todas as palavras de ordem com que se procurou revestir o movimento, a verdade e a revolta maior que os milhões de brasileiros que foram às praças públicas durante a campanha expressaram é a que decorre do fato de, evidentemente, nem merecerem os governantes e representantes que tem.

Assim, é verdade que nossos noticiários políticos contêm uma porcentagem alarmante de "bobagens". Mas sentimo-nos impotentes para evitá-lo. De qualquer maneira, seria mais recomendável — e que isso seja interpretado como mais uma contribuição das muitas que a imprensa, apesar de tudo, pode dar — que, antes de rir-se, o presidente se desse conta de que, ao fazê-lo, está, afinal, rindo de si mesmo e de seus auxiliares, e, em vez disso, tomasse as necessárias providências para evitar a criação de "bobagens" e não a sua mera transmissão.

A propósito, podemos acrescentar também que outro motivo de preocupação para todos os jornalistas sensíveis deste país tem sido a "sujeira" que, diariamente, invade as páginas de seus veículos. Na verdade, hoje em dia, as seções econômicas dos jornais brasileiros têm-se assemelhado a esgotos a céu aberto, tal a quantidade de "sujeiras" que são obrigadas a transmitir para o público. Mas, como no caso das "bobagens", nada podemos fazer, já que somos meros emissários de todo este "esgoto" que — hélas — é produzido em Brasília.

Se tomarmos os jornais do dia seguinte ao em que ficamos sabendo da nova fonte de divertimentos do presidente, encontraremos ilustrações perfeitas do que estamos afirmando. No ramo das "bobagens", por exemplo, havia uma portentosa, dito pelo ministro Ernane Galvêas: "Os países devedores não têm pressa", porque "o tempo favorece os devedores". Naquele mesmo dia os jornais reportavam sobre os acontecimentos trágicos ocorridos na pequena cidade de Guariba, no Interior de São Paulo, onde uma multidão de "bóias-frias" — desesperados pela situação em que os meteram os "bobos" que fizeram a legislação trabalhista que resultou no surgimento dessa nova categoria de marginalizados do processo econômico — destruíram a sede da Sabesp, saquearam um supermercado e promoveram depredações generalizadas que resultaram em um morte e dezenas de feridos, querendo dizer com isso, em última instância, que já suportaram "bobagens" irresponsáveis por "tempo" demais. É claro que, se tivessem a oportunidade de ler a "bobagem" do dia do ministro Galvêas, seu ânimo tenderia a ficar ainda mais exaltado. Mas, se tomassem conhecimento do que, naquele mesmo dia, discutiam os políticos da oposição — todos, de modo geral, mais preocupados com o poder que com qualquer outra coisa, portanto, de modo geral, todos favoráveis ao avanço do processo de estatização da economia brasileira —, seu desespero seria total, já que constatariam que a mensagem que enviaram começando os distúrbios pela destruição das instalações da Sabesp — símbolo do abuso do poder econômico pelas empresas estatais deste país — simplesmente foi ignorada por todos.

No ramo das "sujeiras", os jornais daquela quarta-feira traziam outro primor: o "passe de mágica" pelo qual a Nação passou a ser devedora em vez de credora da tecelagem Lutfalla.

Guariba é um alertar para o fato de que tais "bobagens" não têm provocado apenas o riso. Quanto a nós da imprensa, tudo que desejamos é que este país tenha tempo ainda — para poder aproveitar-se das vantagens que o tempo, eventualmente, lhe possa oferecer — de colocar nos centros de estação de notícias gente que nos permita deixar o triste papel de transmissores de "bobagens" e de emissários de esgoto.

**(Página 4)**